

A inserção metodista em Belo Horizonte, de 1904 a 1910: o dever do colégio Izabela Hendrix¹

Ana Carolina Ferreira Caetano²

Graduada em História - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC
caetano.anacarol@gmail.com

Resumo: A chegada de missionários metodistas norte-americanos, após a segunda metade do século XIX, no sudeste brasileiro relaciona-se com a conjuntura política brasileira, em que o discurso de progresso e modernidade torna-se o lema nacional, especialmente após a Proclamação da República. A base deste estudo é a atuação desses missionários metodistas através do sistema de ensino do Colégio Izabela Hendrix, na cidade de Belo Horizonte, construída para ser símbolo da República. Esta abordagem consiste em avaliar o papel desses missionários, que nos finais do século XIX e início do século XX, foram mais do que disseminadores da religião protestante, atuando como educadores e portadores da ideologia norte-americana de educação para civilizar. Sendo a maior representante desse processo, Miss Martha Watts. Portanto, o objetivo central é ressaltar as atuações desses missionários, no processo de inserção do metodismo na sociedade belorizontina.

Palavras-chaves: Missionários metodistas, Belo Horizonte, Colégio Izabela Hendrix.

Abstract: The arrival of north-Americans Methodist missionaries, after the second half of XIX century, in Brazilian southeast becomes related with the Brazilian politics conjuncture, where the speech of progress and modernity becomes the national motto, especially after the Announcement of the Republic. The base of this study is the performance of these Methodist missionaries through the system of education of the Izabela Hendrix School, in Belo Horizonte city, constructed to be symbol of the Republic. This boarding consists of to evaluate these missionaries, that in the ends of XIX century and beginning of XX century, they had been more than Protestantism religion disseminators, acting as educators and carriers of the North American ideology of education to civilize. As the main representative of this process, Miss Martha Watts. The main objective is to stand out the actions of these missionaries in the insertion process of the Methodism in the Belo Horizonte's society.

Keywords: missionaries Methodist, Belo Horizonte, Izabela Hendrix School.

O metodismo³ de missão e seu ideal educacional de; salvar almas através da educação e educar para civilizar, está intrinsecamente ligado a ideais norte-americanos de expansão de suas influências nos países latino-americanos. A corrente ideológica, que influenciou o protestantismo dos EUA, impulsionou os metodistas a levarem o “exemplo de civilização” para a América, enquanto “povo superior” e para os “povos atrasados do mundo”, principalmente os “irmãos” latino-americanos, para cristianizá-los e tirá-los do “jugo da ignorância”. Cristianizar as nações significava ‘civilizá-las’ de acordo com o modelo ideal: os Estados Unidos da América.⁴ O discurso desses metodistas veio de encontro ao anseio de uma elite republicana brasileira que buscava modernizar o país, e via a educação como um elemento propulsor do processo para se alcançar o tão desejado progresso. Tal entendimento é essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

Assim, buscou-se entender o discurso da associação missionária metodista norte-americana que enviou sua primeira missionária ao Brasil: Miss Martha Watts, relacionando-o com o caso da cidade de Belo Horizonte. Cidade criada na conjuntura da Proclamação da República, aos moldes urbanísticos europeu, em meio a criações de colégios metodistas por esses missionários, que irão ver na nova capital mineira o local ideal para mais um novo colégio.

A desestruturação da sociedade brasileira e implantação do regime republicano

Após a metade do século XIX a Monarquia viveu seu apogeu, mas também viu se deteriorarem suas bases sócio-político-econômicas, gerando contradições internas, o que culminou com o fim do regime. Essa desestruturação do sistema político-social monárquico que possibilitou a presença metodista na educação brasileira.

O crescimento econômico deveu-se, principalmente, mas não exclusivamente, à exportação do café que proporcionou o movimento de acumulação capitalista no País, acrescido do fim do tráfico de escravos e a inserção da mão de obra imigrante. O café pôs em “cheque” o trabalho baseado na mão-de-obra escrava, impulsionou o uso de novos meios de transporte – que incrementou a difusão cafeeira – e introduziu a mecanização na agricultura, fazendo com que os plantadores de café abrissem o caminho da industrialização e deslocassem o centro dinâmico da economia para o Oeste Paulista e a Zona da Mata em Minas Gerais. Nessas regiões, surgiu uma nova elite rural urbanizada que começou a disputar o poder com as demais frações da classe social dominante e a imprimir a marca de seus interesses, idéias e costumes no conjunto da sociedade.

De acordo com Graham, esse movimento da economia, estimulado pela produção do café, fez surgirem novos centros urbanos, novos grupos

¹ Outro trabalho relacionado a esse tema já foi publicado pela mesma autora: CAETANO, A. C. F. Missionários Metodistas e a presença norte-americana em Belo Horizonte, de 1897 a 1914: A educação para a Modernidade. In: ANPUH - Minas Gerais, 2008, Belo Horizonte. XVI Encontro Regional de História. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

² Graduada em História pela PUC Minas, e graduando em Letras pela UFMG.

³ O metodismo surgiu na Inglaterra com John Wesley no século XVIII e tinha como pressuposto a educação. Religião e educação não se dissociam, ao contrário de outros segmentos do protestantismo, em que a educação é um apêndice do projeto religioso. Outra grande preocupação de Wesley e também inovadora, foi levar sua mensagem à massa de analfabetos da Inglaterra, o que fez com que o metodismo se instalasse entre mineiros e operários industriais, através da educação de adultos.

⁴ Ver: MESQUIDA, Peri. *Hege-monia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso.* Juiz de Foras/ São Bernardo do Campo: EDUFJFF/ EDITEO, 1994, p. 255.

sociais e colocou em evidência um novo grupo de homens: os “barões do café”. Assim, ao lado dos plantadores de café, inovadores e empreendedores, apareceram às camadas médias urbanas, constituídas, sobretudo, de pequenos comerciantes, intelectuais e profissionais liberais, servindo a crescente demanda do comércio cafeeiro e modificando o mapa da estratificação social brasileira durante a segunda metade do século XIX. Essa nova classe, indiferente à vida rural e descrente dos valores aristocráticos, parecia acreditar no progresso.

Impulsionados por forças poderosas de ordem econômica e social – exportação cafeeira e urbanização – estes homens se encontravam numa situação nova, na qual os antigos preceitos não eram mais cabíveis. Frente a novas oportunidades econômicas e novas posições na comunidade, sua tendência natural era de se esquecerem das atitudes e posições que antes desfrutavam, desde que elas interferissem nos seus objetivos. Era com essa ansiedade positiva que eles procuravam a realização de projetos novos, mais de acordo com sua posição burguesa.⁵

A crença de que o progresso era inevitável reforçou a determinação desses brasileiros e os ideais do liberalismo exerceram sobre eles um especial atrativo. Muitos daqueles que desejavam modificações passaram a ver na República a concretização de suas esperanças.

Mesmo em uma tentativa fracassada de Dom Pedro II de adaptar o regime ao desenvolvimento, a “locomotiva” capitalista já tinha sido lançada, e a derrocada do regime já não poderia ser evitada. Houve a desintegração do grupo dirigente que sustentava o regime e ruptura da camada sócio-política, constituída pelo imperador, os grandes proprietários rurais, a Igreja católica e o Exército, provocando a Proclamação da República. Essa crise não ocorreu da noite para o dia, sendo estimulada e acelerada por atores e forças sócio-políticas cujo estudo é importante para compreender o contexto de tensão social, política, econômica e cultural.⁶

O liberalismo

No século XIX, o liberalismo passou de uma utopia burguesa revolucionária a uma ideologia dominante, penetrando nas instituições jurídicas, educacionais, religiosas e na organização familiar, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, que nos interessa aqui.

E foi nos Estados Unidos que dois postulados fundamentais do liberalismo penetraram profundamente e atingiram a sua mais alta expressão, a saber, a liberdade – sobretudo a liberdade de mercado – e o individualismo.

Na medida em que as tendências expansionistas

dos Estados Unidos se concretizavam, “os ideais liberais foram utilizados para justificar a presença americana nos mais diversos setores da vida política, social e cultural de outras nações”⁷, isto é, nos países de capitalismo periférico.

Diferentemente dessa nação, o liberalismo brasileiro não se apoiou nas mesmas bases sócio-econômicas e político-culturais, nem seus objetivos foram os mesmos. Os fundamentos do liberalismo importados não seriam determinados pela revolução industrial nem pelas reivindicações do proletariado urbano, mas “pela presença da escravatura e pela manutenção de estruturas de produção arcaicas”⁸.

Era necessário adaptar essa ideologia ao sistema escravocrata, às grandes propriedades fundiárias, aos “mecanismos” da cooptação e da conciliação. Tal adaptação fez dos ideais liberais “idéias fora do lugar”. Dessa maneira, apesar desses ideais serem proclamados em alta voz nos discursos dos políticos e nas críticas dos intelectuais, não havia eco na sociedade civil.

Foi nesse contexto que surgiu a articulação entre a liberdade e a propriedade de bens de produção, entre a lei feita por uma minoria em benefício dos seus interesses e a democracia liberal, entre a liberdade individual e a igualdade numa sociedade fundada sobre a escravatura, sem mobilidade social e dominada pelos grandes latifundiários. Por isso sendo denominado de liberalismo conservador, pois o progresso era incompatível com esses princípios conservadores.

A questão educacional com a Proclamação da República

A Proclamação da República criou uma cidadania restrita, limitando a poucos o direito elementar do voto e da participação política dentro do sistema representativo brasileiro. O principal obstáculo era o dispositivo Constitucional de 1891 que excluiu os analfabetos do exercício do voto, tornando-os cidadãos de segunda classe. “Num país em que os índices de analfabetismo batiam pelos 70% da população, o artifício constitucional limitava sensivelmente a participação política, negando o princípio elementar da cidadania à maioria do povo brasileiro”⁹.

Ao mesmo tempo em que se retirava da maioria da população esse direito político básico, o governo, por seu discurso oficial – no caso de Minas através das mensagens dos presidentes estaduais – dizia da educação como promessa de resgate deste homem de segunda classe, cidadão do futuro, pois só pelas letras era possível chegar à cidadania plena. A cada instante em que isso fosse atingido se confirmaria o progresso do país como nação moderna, com cidadania plena.

⁵ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil: 1850-1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 42.

⁶ Ver: DELGADO, L. de A. Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 446; VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 131.]

⁷ MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 71.

⁸ VIOTTI DA COSTA, Emília. *Da Monarquia à República*, p. 121.

⁹ MELO, Ciro Flávio Bandeira de. *Pois tudo é assim... Educação, política e trabalho em Minas Gerais (1889 – 1907)*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, junho/1990, p. 1.

Num segundo aspecto da importância do desenvolvimento educacional, pelos discursos republicanos, era de que a educação era uma ferramenta essencial à legitimação do novo regime. Só através do conhecimento dos ideais e heróis republicanos, dissimulando as contradições, se legitimaria o 15 de novembro de 1889. “Educar o povo era proposta; domá-lo, a necessidade”¹⁰.

Tentativas de implantação do metodismo no Brasil

A historiografia brasileira ressalta a presença e a influência de norte-americanos em nosso país, principalmente após as políticas expansionistas e intervencionistas na América Latina. Não foi por acaso que a onda missionária metodista, e do protestantismo norte-americano em geral, verificou-se ao mesmo tempo em que ocorria nos Estados Unidos o deslanche da siderurgia e a emergência de um capitalismo industrial, ávido de matérias primas, provocando o crescimento dos interesses americanos no continente e no oceano Pacífico.

A presença de norte-americanos protestantes, especificamente, no Sudeste Brasileiro data de princípios do século XIX, intensificando-se na segunda metade do século após a Guerra Civil Norte-Americana, em que emigrantes sulistas derrotados vieram para o Brasil, principalmente para a região do interior de São Paulo, em busca de uma alternativa de recomeço de vida. Peri Mesquida salienta a importância desses imigrantes para o desenvolvimento do Oeste Paulista, que juntamente às suas famílias e seu modo de vida norte-americano, trouxeram suas técnicas inovadoras na agricultura, transporte, comunicação, além da educação e a religião de cunho protestante liberal. O que agradava o próprio Partido Liberal brasileiro, que pressionava por modernidade, avanços na produção e nas técnicas de cultivo.

Além desses norte-americanos imigrantes, Ana Lúcia Cordeiro¹¹ relata a presença dos *protestantes de missão* (metodistas, presbiterianos, batistas...), que através de trocas de experiências com protestantes imigrantes, viram no Brasil o local ideal para o seu projeto de caráter evangelizador, expansionista, civilizador e, sobretudo, educador, tendo o liberalismo como referencial teórico e a teologia arminiano-metodista¹² como elemento legitimador. Os metodistas acreditavam que a introdução da civilização estadunidense pelas agências missionárias nos países menos desenvolvidos torná-los-iam mais dinâmicos e contribuiria para sua “evolução” e que ao cristianizá-los, estariam civilizand-os.

Antes que esses missionários chegassem, o

protestantismo teve o terreno preparado pelos distribuidores de bíblias, os verdadeiros pioneiros do protestantismo brasileiro. Daniel P. Kidder foi o primeiro metodista norte-americano a chegar, em 1835, na região do Rio de Janeiro, representando a Sociedade Bíblica Americana¹³, numa primeira tentativa de estabelecer o metodismo no Brasil. “(...) a divulgação da Bíblia, veiculando bens de cultura, constituía um elemento importante de transplante cultural. Sobretudo na medida em que a elite dirigente não somente ‘aceitava’ as Escrituras, mas as desejava”¹⁴.

Sua missão durou cinco anos quando, por dificuldade de sustento da mesma, ele retornou aos EUA. Já o primeiro missionário metodista a se estabelecer no Brasil, na região do Rio de Janeiro em 1836, foi Justin Spaulding. Missão¹⁵ que foi encerrada em 1841 e reaberta em 1876, com a chegada do missionário John James Ransom que fundou a primeira Igreja Metodista no Rio de Janeiro em 1878¹⁶, e organizou uma escola dominical¹⁷ que com um ano de funcionamento já contava com cerca de cinquenta alunos matriculados.

Sobre as escolas dominicais, o jornal Diário de Minas¹⁸ publicou o convite feito pelo pastor Justiniano R. de Carvalho a população, mostrando o que eram as escolas dominicais, seus objetivos e sua importância. Levando em conta que o “povo” mineiro, nesse caso Juiz de Fora, muitas vezes não tinha acesso à imprensa local, o convite foi ao seu público alvo: as elites locais.

Escola Dominical

Toda a escriptura divinamente inspirada, é útil para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deus seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. II TIM. 3:16

Quasi que em todos os paizes, com especialidade os mais adiantados, todos os domingos há o ensino da Bíblia; pois esta escola é de grande utilidade para todos, que em vez de os meninos ou mesmos os adultos se ocuparem neste dia [domingo] em causas seculares que não é permitido fazerem, se dedicam no estudo da Palavra de Deus que nos instrui para a salvação. Portanto, convida-se aos Paes de familia que desejam instruir seus na Palavra de Deus a mandarem-nos todos os domingos ás 10 ½ horas da manhã na sala onde funciona o culto evangélico da igreja methodista, á rua do Imperador, proximo a cadeia. Entrada franca para todos¹⁹. [grifos nossos].

O Reverendo Ransom chegou ao Brasil no dia 2 de fevereiro de 1876. José Carlos Barbosa²⁰ ressalta que na primeira carta do missionário enviada à Junta de Missões, duas semanas depois de sua chegada, ele assinalava que a melhor estratégia para a inserção do

¹⁰ MELO, Ciro Flávio Bandeira de. *Pois tudo é assim... Educação, política e trabalho em Minas Gerais*, p. 4.

¹¹ CORDEIRO, Ana Lúcia. *A inserção do metodismo em Juiz de Fora: uma história de conquistas e tensões*. Juiz de Fora: Letras e Notas, 2003, p. 154.

¹² Para um melhor entendimento dessas influências, ver: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995, p. 47. “Apelo para a conversão e mudança de vida, a ação social e o emocionalismo lembram, respectivamente, a pregação arminiana da responsabilidade pessoal, o puritanismo e o pietismo. O sentimento de con-hecer a Deus através da união íntima com ele lembra o misticismo, por sua vez, deve ter influido no pietismo”.

¹³ Tinha o objetivo de distribuir Bíblias por todo o mundo. Tinham o custo baixo e muitas vezes foram distribuídas gratuitamente. A difusão da Bíblia era facilitada não só pelo respeito que as pessoas mais simples tinham pelo Livro Sagrado, mas também por ser aceita por políticos e por professores interessados em obter livros de leitura para seus alunos. Ver: KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagem e Permanência nas Províncias do Sul do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

¹⁴ MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 115.

¹⁵ A missão de Spaulding enfrentou opositores católicos radicais. O principal dele foi o padre Luís Gonçalves dos Santos, conhecido como “Padre Perereca”. Ele chegou a escrever três livros de oposição e acusações ao metodismo, sendo um deles: *Desagravos do Clero e do Povo Católico Fluminense: ou Refutação das Mentiras e Calúnias do Impostor que se Entitula Missionário do Rio de Janeiro, e enviado pela Sociedade Metodista Episcopal de Nova York para Civilizar e Converter ao Cristianismo os Fluminenses*.

¹⁶ Ver: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica*. In: SOUZA, B. Muniz de; MARTINO, L. Mauro Sá (Orgs.). *Sociologia da Religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004, p.49-79.

¹⁷ Essas instituições de ensino informal ou extra-escolar estiveram entre os mais eficazes instrumentos de difusão das doutrinas e dos valores do metodismo norte-americano no Brasil e contribuíram enormemente para uniformizar a transmissão e a recepção das idéias comunicadas pelos missionários pioneiros (MESQUIDA, 1994, p. 145).

¹⁸ Jornal Oficial do Partido Republicano Mineiro.

¹⁹ *Diário de Minas*, anno I, 06 de dezembro de 1888.

²⁰ BARBOSA, J. C. *Salvar e Educar: o metodismo no Brasil do século XIX*. Piracicaba: CEPME, 2005, p.306.

metodismo no Brasil deveria ser por meio da educação. Impressionado com o trabalho realizado na área educacional pelos presbiterianos, que encontravam nas escolas um importante apoio ao trabalho de evangelização, recomendava que o metodismo seguisse o mesmo itinerário.

Ainda que a escola dominical representasse um elemento importante na ação evangelizadora e educadora dos missionários, para que o metodismo pudesse se estabelecer de maneira efetiva na sociedade brasileira, era necessário uma estrutura educacional que pudesse produzir mudanças em nível cultural. Sendo o metodismo um “modo de vida”, sua aceitação pela sociedade implicava necessariamente numa mudança de padrões de mentalidade e cultura. Na medida em que a educação é, no metodismo, um instrumento privilegiado de comunicação dos valores culturais próprios da dominação, uma instituição de ensino regular seria um veículo eficaz de transmissão dos “valores cristãos” do protestantismo anglo-saxão norte-americano.²¹ A missionária Martha Watts ressalta a importância da diretora das escolas na vida da sociedade brasileira: “Onde quer que tenhamos uma igreja, temos que ter uma escola paroquial, cuja diretora se tornaria parte da vida das alunas e suas famílias e da igreja”²².

A partir daí, o metodismo expandiu-se, principalmente, na região sudeste, juntamente com a criação de instituições de ensino. Pode-se dizer que, com a missão de Ransom, o metodismo brasileiro começou a tomar sua forma característica.

Os metodistas concebiam a sua missão como uma forma de semear a religião protestante em terras brasileiras, além de transmitir os valores norte-americanos de liberdade, democracia, civilização e progresso. “Assim como todo protestantismo missionário, o metodismo chegou ao Brasil nas asas do liberalismo já consolidado em sua sociedade de origem, apresentando-se como um desafio à sociedade brasileira, então escravista, aristocrática e conservadora”²³.

Diferentemente do crescimento presbiteriano, que se deu na camada “livre e pobre” da população rural²⁴, a expansão metodista no Brasil ocorreu no meio urbano privilegiando a conquista da classe política e economicamente dominante da região sudeste e dos intelectuais sensíveis ao sistema de valores norte-americanos, especialmente por influência das suas instituições de ensino, e foi favorecida por essa burguesia em ascensão com características modernas e seculares, que passou a se identificar com o moderno sistema educacional metodista.

Enquanto as outras denominações históricas de origem norte-americana privilegiaram a evangelização direta sem esquecer a educação, a

Igreja Metodista privilegiou a educação, sem omitir a evangelização direta. Esta estratégia “elitista” perseguia, entretanto, como objetivo último, a “conversão” da sociedade global (...).²⁵

O crescimento metodista no Brasil se deu, então, quando a influência dos seus colégios atraiu a burguesia em ascensão.

A burguesia cafeeira e comercial das cidades, na ausência de uma educação oficial e sendo portadora de certo preconceito anticlericalista herdado do Império e reforçado pelo positivismo republicano, deu preferência ao moderno sistema educacional protestante. Os metodistas se beneficiaram bastante porque deram clara prioridade a educação, abrindo colégios por toda parte.²⁶

Ana Lúcia Cordeiro ao fazer um estudo mais aprofundado sobre o Colégio Granbery e o Colégio Americano Mineiro contata que grande parte do corpo discente dessas escolas, era formada de filhos e demais parentes de fazendeiros, empresários, industriais – dentre eles vários imigrantes – e profissionais liberais, que constituíam a elite intelectual e política da região. Para a autora, este grupo sócio-político, “seduzido pelo sistema de valores, pelos ideais e pelas instituições norte-americanas, considerava a formação de novas gerações republicanas como uma questão vital, por isso deram credibilidade as experiências pedagógicas norte-americanas desenvolvidas pelo colégio”²⁷.

Martha Watts transcreve ao *Advocate* uma matéria que saiu no jornal *Gazeta de Piracicaba*, que relata de forma convincente e atraente sobre a moderna pedagogia da educação metodista, mostrando a toda a sociedade o porquê de se estudar no Colégio Piracicabano:

No próximo número faremos uma nota de menção, limitando-nos num momento a dizer que o benefício do ensino administrado naquela instituição é real, e todos os pais deveriam se convencer desta verdade e filhos deveriam ser colocados no caminho para receber uma educação sólida, baseada em princípios sólidos, de acordo com o progresso dos tempos. (...) Nós não exageramos quando dizemos que o estabelecimento, sob sua direção [Martha Watts], é o primeiro na Província de São Paulo; e esperamos em pouco tempo ver uma procura por parte dos pais que desejam dar a suas filhas uma educação verdadeira – isto é, uma educação que veja além do memorize, memorize, memoriza sem fim e universal.²⁸

A inovação na educação que tanto atraiu a burguesia era evidenciada inclusive nos planos de curso e nas matérias ensinadas. Peri Mesquida oferece uma longa lista das matérias que constavam

21 CORDEIRO, Ana Lúcia. *A inserção do metodismo em Juiz de Fora*, 2003.

22 Carta de Martha Watts: Colégio Mineiro de Juiz de Fora, Brasil, junho de 1903, em MESQUITA, Zuleica (org.). *Evangelizar e Civilizar: cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: UNIMEP, 2001, p. 136.

23 MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 121.

24 Para Mendonça a expansão inicial do protestantismo missionário no Brasil se deu na camada “livre e pobre” da população rural da região sudeste seguindo a trilha do café. Ver: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

25 MESQUIDA, *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 121.

26 MESQUIDA, *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, p. 40.

27 CORDEIRO, Ana Lúcia. *A inserção do metodismo em Juiz de Fora*, p. 99.

28 Carta Interessante de Miss Watts – Exames do Colégio em Piracicaba, provavelmente março de 1883, em MESQUITA, Zuleica (org.). *Evangelizar e Civilizar*, p. 50-51.

no currículo dos colégios metodistas: línguas antigas e modernas, gramática, caligrafia, aritmética, matemática, álgebra, geometria, astronomia, cosmografia, geografia, história universal, história do Brasil, história sagrada, literatura, ciências naturais (botânica, física, química, zoologia, mineralogia), artes, música e ginástica. A ênfase colocada sobre o estudo das ciências exatas associava a proposta educacional metodista ao ideal de progresso e modernidade, visto que a noção desse ideal está intimamente relacionada ao progresso tecnológico via desenvolvimento das ciências exatas.

A Igreja Metodista no Brasil manteve o modelo episcopal norte-americano e o arminianismo-wesleyano conversionista e individualista dos movimentos reavivalistas. A autonomia da Igreja brasileira só ocorreu em 1930, com a criação da Igreja Metodista do Brasil em São Paulo.

Embora o metodismo também tenha se inserido nas regiões norte, nordeste e sul do país, através da Igreja Metodista do Norte dos Estados Unidos, as missões que se estabeleceram na região sudeste do Brasil, dentre elas, Belo Horizonte, estavam vinculadas à Igreja Metodista Episcopal do Sul.

O impacto do metodismo no Sudeste brasileiro

No decorrer da segunda metade do século XIX, o as transformações ocorridas no Brasil não se restringiram ao desenvolvimento econômico e as mudanças nas estruturas sociais, mas englobaram também, alterações pelas quais os indivíduos passaram, tanto em seu comportamento, quanto em sua maneira de perceber os acontecimentos diários de suas vidas.

Segundo Richard Graham a inserção dos missionários protestantes na sociedade brasileira, isso incluí metodistas e presbiterianos, produziu desarmonia, entrando em choque com os hábitos religiosos tidos como suporte da ordem social, que foi seriamente atingida e enfraquecida, uma vez que não podia contar mais com a fé universalmente aceita.²⁹

A posição da mulher na sociedade foi valorizada devido ao combate do sistema de “compadresco”, atacando a duplicidade da moral sexual então existente, em que se posicionou contra idolatria e o analfabetismo e pregou a liberdade social e abalou os hábitos religiosos tradicionais, contribuindo, assim para a modernização e a secularização do país.

O anti-catolicismo e a discussão sobre o “atraso” decorrente das ações jesuíticas.

Durante a primeira metade do século XIX, houve uma intensa onda de imigração de grupos

católicos nos Estados Unidos, desenvolvendo um sentimento e um movimento misto de nativismo e anti-catolicismo por parte dos metodistas. A Igreja Católica passou a ser vista como “ultrapassada” no sentido teológico e educacionalmente, uma instituição medieval, ligada ao despotismo monárquico e ao obscurantismo religioso. O medo maior era de uma subversão da democracia norte-americana. Característica essa, que irá marcar o protestantismo missionário no Brasil, onde os anos de predominância católica serão vistos como um dos motivos do “atraso” brasileiro.

Martha Watts demonstra essa crítica teológica à Igreja Católica em suas cartas: “(...) eu as desafios [pessoas] a estudar o catolicismo em qualquer país para ver se elas encontram nele salvação. (...) Bem, esta besta, este anti-Cristo, teve o Brasil em seu poder por quase quatrocentos anos e fez das pessoas o que bem quis”³⁰.

Para Felipe Ziotti Narita³¹ essa idéia do atraso ligado à educação de cunho Católico desenvolveu-se com as idéias iluministas do século XVIII. Se a Ilustração³² aquecia o cenário cultural e adquiria feições *sui generis* pelas diversas regiões da Europa, os homens de cultura, imbuídos das idéias ilustradas, construíam amplos projetos de reformas políticas que dariam novas feições às estruturas administrativas dos Estados geridos pelas monarquias européias. Em Portugal, associadas à idéia de uma nação retardatária na marcha civilizacional européia, houve os inúmeros ataques dirigidos aos jesuítas e à Igreja, já em meados do século XVIII, quando homens de prestígio na cultura política portuguesa do Setecentos, como Luis Antonio Verney, registravam a incômoda presença da Igreja Romana e, sobretudo, dos jesuítas na educação lusitana. Aquelas mentes arejadas pelas idéias da Ilustração foram expressões de uma onda que atravessava a Europa com novas práticas e representações sobre a educação. Eram propostas para a construção de uma idéia de modernidade que tomava o ensino jesuítico como signo do atraso cultural; a necessidade que os novos tempos impunham, sobretudo na educação, significava rejeitar uma forma de ensino que, durante séculos, permanecera estruturada, sobretudo, pelos jesuítas. Esse pensamento, juntamente com as idéias iluministas, vai influenciar a sociedade norte-americana e os metodistas.

Martha Watts relata sobre esse atraso educacional, de origem católica, percebida por ela no Colégio Piracicabano:

Além disso, o padre sentiu que deveria agir e começou a pregar e escrever contra nós. O fato de esta ser a melhor escola da província era demais pra ele, pois na querida cidade de Itu as Irmãs de Caridade dominam. (...) Tenho certeza que seria difícil acreditar nas histórias sobre a ignorância daqueles alunos,

²⁹ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 1973*.

³⁰ Petrópolis. MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 112.

³¹ NARITA, Felipe Ziotti. A educação jesuítica entre a secularização e a revolução. In: *Revista Urutúgua – revista acadêmica multidisciplinar*. Maringá: DCS/UEM, Nº 16 – ago./set./out./nov. 2008. p. 9. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutugua/article/viewFile/3531/3278>.

³² Francisco Falcon argumenta que a Ilustração corresponde à concretização histórica do Iluminismo. Se o Iluminismo diz respeito a uma proposta não limitada a uma época específica, a Ilustração indica, em linhas gerais, um movimento de idéias balizado no século XVIII marcado pela secularização e pelo racionalismo. Ver: FALCON, F. J. C. *Da Ilustração à Revolução: percursos ao longo do espaço-tempo setecentista*. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1989, p. 53-87.

assim como o foi para mim, mas agora tive a oportunidade de ver por mim mesma, quando alguns deles vieram para nossa escola. A questão é: como meninas que receberam ensinamentos dos professores por tanto tempo não aprenderam mais? E como ficou a consciência das mulheres que fingiram ensinar e não ensinaram? Por exemplo, essas Irmãs são senhoras francesas e os dois alunos que vieram para nós estudaram com elas por três anos e não puderam acompanhar as aulas de francês com uma menina que estudou durante o mês de outubro passado com nosso professor de francês. Foi também necessário preparar uma nova turma de aritmética especialmente para eles.³³

Contudo, há autores que defendem que em consequência da reforma de Pombal, lavrou-se a “sentença de morte” do ensino durante o período colonial. “Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que essa destruição fosse acompanhada de medidas imediatas, bastante eficazes para atenuar os efeitos ou reduzir sua extensão”³⁴.

Já Luiz Carlos Villalta ressalta que a partir da divisão na história da educação da América Portuguesa, antes e depois dos jesuítas, a historiografia tem chegado a algumas conclusões sobre os jesuítas e sobre as reformas educacionais. Estas conclusões, de alguma forma, implicam apresentar os jesuítas como obscurantistas e, inversamente, Pombal como um intrépido reformador, embora se sublinhe o caráter despótico de seu governo e se façam ressalvas ao governo de Dona Maria I.³⁵

Essas imagens, no entanto, de acordo com o autor parecem esconder uma complexidade e contradições que não respeitam a dicotomia jesuítas-reformistas: isto é, nem os jesuítas foram obscurantistas como se dizia, nem os Reformistas Ilustrados foram tão reformadores.³⁶ O autor sai em defesa dos jesuítas, baseando-se na pedagogia utilizada pelos mesmos.

Woman’s Missionary Society designa sua missionária para o Brasil

As missões metodistas norte-americanas em outros países foram implantadas através da Junta de Missões da Igreja dos Estados Unidos. Esse órgão era responsável pela arrecadação de fundos para implantação e manutenção dos projetos missionários. Acreditavam também, que só as mulheres poderiam ajudar outras mulheres.

Assim, decidiram tomar a seu cargo a educação das mulheres nos países “menos desenvolvidos”, onde se instalavam as missões religiosas da denominação. Pensavam elas que, “civilizando” as mulheres nativas, ou seja, educando-as nos padrões

culturais do protestantismo, essas mulheres se libertariam da dominação masculina e católica em que viviam, tornando-se independentes, em condição de prover o próprio sustento e ajudar na disseminação do protestantismo.

Entre essas sociedades femininas, surgiu em 1878 a *Woman’s Missionary Society* ligada à Igreja Metodista Episcopal do Sul. Essa associação foi a responsável pela instalação da primeira e maioria das escolas metodistas no Brasil, – totalizando 15 escolas entre o final do século XIX e o início do século XX. Todas elas internatos femininos, mas que mantinham alunos do sexo masculino em regime de externato, sendo a primeira missionária designada para esse trabalho, Miss Martha Watts.

O destino de Martha Watts foi a cidade paulista de Piracicaba em 1881, onde a aguardavam os líderes locais: Prudente de Moraes e Manoel de Moraes, militantes do Partido Republicano na região.

Em companhia dela vieram mais três missionários, a saber: J.L. Kennedy, J. W. Koger e J. J. Ransom, tendo este último já estabelecido no Brasil. Durante os 26 anos seguintes, Martha Watts dedicou-se à educação de crianças e adolescentes nas cidades de Piracicaba, Petrópolis, Juiz de Fora e Belo Horizonte, sendo fundadora de dois Colégios³⁷.

Foram vários os recursos adotados pela missão metodista no Brasil, a saber, o estabelecimento de Igrejas, a divulgação da Bíblia, a pregação, a publicação de uma vasta literatura religiosa, a fundação de uma imprensa metodista – como o jornal *Expositor Cristão* – e a criação de escolas de ensino dominical e regular.

A escolha das cidades

A decisão de Ransom por Piracicaba deveu-se ao fato da cidade estar com as portas abertas e convidando os metodistas para lá se instalarem. Assim, no mesmo ano, no dia 13 de setembro, foi fundada a primeira escola metodista no Brasil, o Colégio Piracicabano.

As escolhas das cidades para a expansão missionária foram determinadas por dois objetivos principais: a camada específica a ser atingida e as regiões consideradas estratégicas no sudeste brasileiro. O Rio de Janeiro, enquanto capital do Império, era o centro da vida cultural e política do país e a Igreja Metodista aspirava ter ali uma posição de influência. Piracicaba, além de estar localizada próxima à colônia dos imigrantes norte-americanos, era um centro republicano e maçom³⁸, o que facilitava, de certa forma, a penetração metodista. Por seu desenvolvimento econômico, sua influência política e sua posição geográfica Juiz de Fora também foi considerada uma cidade propícia à propagação da missão, e como fator facilitador, não se observava uma grande presença católica na região.

E Belo Horizonte? De acordo com Jonas Mendes Barreto³⁹, pode-se afirmar dois interesses básicos por Belo Horizonte: primeiro, no que tange

³³ Carta de Martha Watts: A missão no Brasil, provavelmente maio de 1883, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 53-54.

³⁴ AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996, p. 496; CARVALHO, L. Ramos de. “A Educação e Seus Métodos”. In: HOLLANDA, S. Buarque de (org.). *História Geral da Colonização Brasileira (I – A Época Colonial)*. São Paulo: Difel, 1985, p. 76-87; SANTOS, T. Miranda. *Noções de História da Educação*, 10ª edição, Volume II, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, p. 414.

³⁵ VILLALTA, Luiz Carlos. A educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VIDAL, D. G. (Org.). *À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes*. São Paulo: Edusp, 2002.

³⁶ VILLALTA, Luiz Carlos. A educação na Colônia e os Jesuítas, p. 171-184.

³⁷ Martha Watts foi fundadora do Colégio Piracicabano e do Colégio Izabela Hendrix em Belo Horizonte. Nos demais colégios, o Americano de Petrópolis e o Americano Mineiro em Juiz de Fora, ela atuou como diretora e como educadora.

³⁸ De acordo com a historiografia sobre a trajetória metodista e sobre a presença protestante no Brasil, a maçonaria foi o grupo que incentivou e defendeu a presença dos missionários no Brasil, principalmente no que tange aos conflitos contra a Igreja Católica. Essa aproximação dos dois grupos justifica-se por algumas compatibilidades de idéias, principalmente relacionado à modernização do país e ao liberalismo.

³⁹ BARRETO, J. Mendes. O metodismo em Belo Horizonte: inserção e desenvolvimento. In: *Revista de Educação do COGEIME*. Ano 14, nº 26, junho/2005, p. 125 – 144.

à perspectiva geográfico-administrativa, já que o Curral Del Rey, futura Belo Horizonte, se tornaria a futura capital mineira. Era de fundamental importância que a Igreja Metodista ocupasse esse espaço político-administrativo. A segunda perspectiva se refere ao aspecto político-teológico. A nova capital abrigaria a elite pensante da época, e esta se encontrava aberta às idéias liberais, compatíveis com os ideais metodistas. Além disso, a nova capital, pensada e projetada, iria seguir os moldes do pensamento republicano de cidade laica, não tendo nenhuma religião predominante ou mesmo oficial.

Os metodistas também enxergavam esse ideal de “cidade promissora” que a mais nova capital do Estado transparecia. Sobre a nova capital e sua importância no cenário brasileiro, o Reverendo Tavares escreve em 1898:

(...) parece-nos estar-lhe reservada a presidência do movimento industrial, intelectual e financeiro de não pequena parte do território brasileiro e para futuro bem próximo; de presente já se divisa a alvorada desse dia com a execução restrita, por parte do governo mineiro, do plano largamente fundado para iludir, quando atribuímos a vantagens naturais o rápido desenvolvimento deste lugar, hoje procurado por todas as influências financeiras do estado.⁴⁰

Outro pensamento que permeou antes, durante e depois da construção de Belo Horizonte, referia-se a ao fato da nova capital poder ser também a capital republicana, transferindo-se do Rio de Janeiro para Minas, isto é, ampliaria consideravelmente a importância da cidade, política e economicamente. O que impulsionava, ainda mais, os metodistas de darem certo naquela cidade. Esse pensamento foi prontamente registrado por uma das missionárias, pouco tempo depois da instalação do colégio Izabela Hendrix:

Outra boa notícia é que há toda probabilidade de que a capital federal será transferida para Belo Horizonte. A cidade foi construída com essa perspectiva, e agora está começando a ser discutida seriamente. Uma grande quantidade de dinheiro está sendo agora gasto para embelezar as ruas e avenidas⁴¹ (tradução nossa).⁴²

E não era apenas uma probabilidade. O Dr. Nelson de Senna no Anuario de Minas Geraes de 1907 destaca:

Varias vezes tem sido aventada a ideia da mudança da Capital da União para Bello Horizonte. Em 1899, o deputado federal Dr. Sá Fortes apresentou o seguinte projecto:

“O Congresso Nacional resolve: Art. I.º Fica o Poder Executivo auctorizado a transferir para a cidade de Minas, no Estado de Minas Geraes, a Capital da Republica dos

Estados Unidos do Brasil, ou para outro ponto que for julgado conveniente (...) Sala das sessões, 11 de outubro de 1899. – Sá Freire”.

Na sessão de 1906, a propria bancada do Districto Federal cogitou de dar andamento a esse projecto, que, em Bello Horizonte, num discurso pronunciado no Palacio Presidencial, na posse do Dr. João Pinheiro (set. 1906) foi achado perfeitamente viavel pelo senador General Pinheiro Machado.⁴³

Belo Horizonte: a capital “moderna”

Nos finais do século XIX, os sinais de progresso, ideal europeu de modernidade, desenvolvimento tecnológico e social, já se faziam sentir em Minas Gerais. Essas influências refletiram no nosso contexto da abolição da escravidão, Proclamação da República, no sucesso da burguesia liberal e do café, reformas urbanas e avanço na ciência. Imbuídos, também, de problemas sociais e crises materiais.

E foi com esses parâmetros que o projeto da mais nova capital do Estado de Minas Gerais foi apresentado e aprovado no Congresso mineiro. Era necessário um espaço destinado à futura capital que teria que ser construída de acordo com as regras da higiene moderna. De acordo com Maria Ester Saturnino Reis, um dos critérios de escolha era de cunho biológico como clima, salubridade, incidência de doenças, enfim toda a problemática do “meio” e sua influência com fator determinante no físico e no caráter da população. Havia uma preocupação nos fatores que poderiam ser contornáveis ou não pelo governo. A Constituição Mineira de 16/06/1891 nas Disposições transitórias estabelecia: Artigo 13 – É decretada a mudança da capital do Estado para um local que, oferecendo as precisas condições higiênicas, se preste à construção de uma grande cidade.

A idéia de mudança da capital era antiga, mas a constituição de um novo regime fez a situação propícia para o projeto das elites mineiras. Uma cidade que simbolizaria o cérebro do governo em pleno contexto nacional do advento da República, do culto ao progresso, do desenvolvimento intelectual, num lugar moderno, elegante e limpo, aos moldes urbanísticos em voga nos EUA e na Europa do século XIX. “A construção de Belo Horizonte significa (...) a adoção de novos estilemas, propostos pela era industrial, inscreve-se na recusa ao passado e na aspiração à modernidade”⁴⁴. A nova capital nasceria sob os discursos modernos e de renovação da época, mas enraizado no conservadorismo dos seus “feitos heróicos anteriores” e em seu “ideal libertário” ligados a Ouro Preto e à Inconfidência. Discursos, esses, visados pela consolidação da República. Maria Ester Saturnino Reis ressalta que, estava em

⁴⁰Artigo de do então nomeado Reverendo para a capital: João Evangelista Tavares, em: jornal *Expositor Christão*, 13/10/1898, p.1-2.

⁴¹Collegio Isabela Hendrix, Bello Horizonte por Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVII, nº 2, novembro, 1906, p. 204-205.

⁴² Todos os trechos de cartas retirados do *Woman's Missionary Advocate* foram traduzidos por mim. Os textos originais não farão parte do artigo, devido ao número limitado de laudas e a quantidade de fonte usada.

⁴³ SENNA, Nelson. *Anuario de Minas Geraes*, p. 98.

⁴⁴ ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos Modernistas: representação am-bivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: C/Arte, 2004, p. 75.

⁴⁵ REIS, Maria E. Saturnino. *A cidade “paradigma” e a República*, p.15.

jogo não era tanto provar se o regime republicano era legítimo ou não. “A questão parecia estar concentrada na capacidade do regime Republicano de fazer um bom governo, ou seja, de seu fracasso ou sucesso enquanto regime”⁴⁵. Então a capital tinha uma destinação: dotar o Estado de um governo eficiente. Vem essa idéia da visão modernizante da República, que enriquecida pelo auge cafeeiro pode contrapor o novo, como progresso, em relação à monarquia, sinônimo de decadência e estagnação. Luciana Andrade descreve porque a cidade pode ser considerada moderna:

A modernidade estava presente na planta da cidade através do planejamento racional do espaço em oposição à ocupação ao acaso, da preocupação com a higiene, motivo de muitas reformas de cidades já consolidadas, como tratamento de água e esgoto, e das ruas retas e largas para o tráfego de veículos.⁴⁶

Isto é, uma “cidade paradigma” que remete imediatamente a uma cidade planejada para ser modelo, cidade padrão. Uma idéia republicana de uma nova sociedade. Letícia Julião observa como Belo Horizonte caracterizava o projeto republicano de modernidade: “Se o advento da República era o elemento chave na concepção dessa temporalidade, a cidade [de Belo Horizonte] foi, por excelência, o espaço da sua representação”⁴⁷. De acordo com Thaís Pimentel (1993) a criação da nova capital é resultado das transformações ocorridas no cenário político brasileiro, “quando a nação ingressava na era republicana, na tentativa de superar o atraso de seu desempenho capitalista”⁴⁸, sendo a mudança do regime político uma forma de superação.

De qualquer modo, por esse tipo de abordagem, Belo Horizonte, como próprio símbolo da República, teria sido fruto da emergência das novas forças econômicas que, atuando dentro do Estado, eram capazes de exercer influências profundas nas decisões políticas dos novos dirigentes republicanos.

Sobre a capital moderna, em detrimento do antigo curral Del-rei, o Reverendo metodista Tavares escreve:

A nova capital do estado de Minas, ultimamente chamada pelo nome que nos serve de epígrafe, pode ser propriamente apelidada a cidade elétrica. Aqueles que como nós, há cinco anos apenas, aspiraram pulmões, o ar leve e balsâmico, (...) de certo se surpreendem agora ao descortinar o mesmo horizonte belo como sempre, mas transformado no todo pela já grande cidade que limita. Os rústicos e pesados prédios que alvejavam os picos do antigo arraial, desapareceram no todo para dar lugar a esplêndidas habitações de moderna arquitetura; os intermináveis caminhos só

diariamente pisados pelos animais domésticos se transformaram em suntuosas praças, belas avenidas espaçosas ruas por onde transitam agora milhares de pessoas; fixou-se o curral, transformou-se o horizonte, existe a Cidade de Minas alvadia e alegre, pitoresca e brincalhona, agitando a brisa passageira e deslumbrando o curioso touriste. Topografia, clima, situação, tudo prenuncia um papel importante para a nova cidade, na história do nosso estado e do Brasil (...).⁴⁹

Em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte, na época Cidade de Minas, era transferida e instalada a sede do governo do Estado, mas só em 1903, de fato, fora oficialmente apresentada a Minas Gerais e ao Brasil.

Assim, a cidade tinha seu espaço circundado pela Avenida do Contorno, divisora da vida urbana e a suburbana, isto é, um divisor social, “a capital nascia de uma lógica e de um saber que pareciam se sobrepôr à vontade política, como um meio de se assegurar a fundação da cidade ‘certa’”⁵⁰. A nova capital era, então, o espaço da ação política e do ganho material.

Ciro de Mello destaca um fator que demonstrava a tolerância religiosa na nova capital mineira:

Interessante, algum tempo depois da inauguração da cidade, a concessão de um terreno, bem ao longo da principal avenida, à Igreja Metodista. O terreno ficava em frente à área onde se construiria a maior igreja católica da cidade, a de São José. Modo de falar republicano em relação à tolerância religiosa.⁵¹

Ao contrário de um simples fato interessante, como coloca o autor, esse terreno situava-se defronte a uma igreja católica, colocando face a face não somente os símbolos materiais (templo das duas igrejas), mas duas práticas educativas diferentes, assentadas nas bases da ciência, na ausência de preconceitos intelectuais e religiosos, sendo seu maior compromisso com o progresso, muitas vezes tido como sinônimo dos metodistas. A historiografia brasileira vem estudando e explicando a presença e a influência protestante em nosso país e agora, na cidade de Belo Horizonte.

O Reverendo Hippolyto Campos⁵², logo após a inauguração do Colégio Izabela Hendrix, escreve sobre a cidade de Belo Horizonte:

Bela e encantadora cidade, em cuja construção e decoração já foram gastos milhões de dólares; esplêndida capital de um dos mais ricos Estados da República, construída com toda a atenção às regras higiênicas e examinada rigorosamente em suas ruas e quarteirões, em suas extensas avenidas, jardins e parques, um inteiramente moderno plano delineado por um mestre, em seu grande plano geral; (...) com todas essas atrações, Belo Horizonte convém ser chamada

46 ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos Modernistas*, p.82.

47 JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org). *BH: Horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 50.

48 PIMENTEL, Thaís Velloso C. *A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1993, p. 33.

49 *Jornal Expositor Cristão*, 13/10/1898, p.1-2.

50 JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org). *BH: Horizontes históricos*, p. 55.

51 MELO, Ciro Flávio Bandeira de. *A noiva do trabalho – uma capital para a República*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org). *BH: Horizontes históricos*, p. 40.

52 Um ex-padre que se converteu ao metodismo em 1900. Assim conta James Kennedy (1928, p. 102): Rev. Hippolyto de Oliveira Campos que por 26 anos tinha sido um padre honrado da Igreja Romana. Daquela data para cá, ele tem se consagrado fielmente às fileiras evangélicas e tem sido um bravo campeão contra as trevas do romanismo.

de “Hygienopolis” de Minas.

Não será, como alguns pessimistas dizem, simplesmente uma cidade oficial; será o centro do pensamento literário, da indústria, do comércio e de todas outras responsabilidades; um verdadeiro ponto estratégico para a concentração e desenvolvimento de empresas arrojadas, motores do progresso moral e material das pessoas⁵³. (grifo nosso).

Caracterizando como um lugar onde os metodistas realmente deveriam estar.

A situação educacional do Estado de Minas Gerais

Peri Mesquida ressalta que, enquanto província mais populosa do país em meados do século XIX, somente 10.417 alunos estavam matriculados nas escolas públicas, ocorrendo uma queda na frequência para 6.919 em 1867, em que apenas 132 foram considerados aptos para dar continuidade aos estudos⁵⁴.

A situação se agravava ao constatar-se que, em 1871, não havia nenhuma escola secundária para moças. Em 1886, somente 7% da população tinham acesso ao ensino primário, fazendo com que os relatórios educacionais fossem sempre negativos. Fato esse, que não fez com que as autoridades escolares tomassem nenhuma medida positiva para contornarem a situação.

O autor ainda ressalta que durante esse período tentou-se amenizar a situação com a lei de 2/11/1869, em que se permitia criar colégios e classes isoladas nas cidades da província, independente dos atestados de capacidade intelectual dos responsáveis. Contudo, a liberação não contribuiu para o desenvolvimento do ensino privado em Minas Gerais, já que poucos colégios foram instalados, como o Granbery, o Andrés, a Academia de Comércio em Juiz de Fora, e o Colégio Caraça, da ordem jesuíta. Este foi o principal estabelecimento educacional particular do Estado até 1890, e por excelência da formação da elite católica mineira.

E não foi muito diferente nos primórdios da República. Em 1901 havia 31.068 alunos matriculados, sendo 18.421 meninos e 12.647 meninas, desse total, apenas 13.113 eram alunos frequentes, sendo 7.556 meninos e 5.557 meninas⁵⁵. Com esses totais de alunos nas escolas públicas (para um total de mais de três milhões de habitantes) e uma infrequência que chegava a quase 50% do total, atestando as dificuldades para a frequência escolar, que Minas Gerais entrava no século XX.

Através de leituras dos relatórios dos Presidentes estaduais (de Afonso Pena a João Pinheiro), constatamos que se a propaganda republicana promete fazer o governo investir na área da educação popular, ele o faz, porém de modo lento, cheio de lamentos – principalmente relacionado às despesas – e tendo o ideal europeu e, principalmente, o norte-americano como modelo.

O metodismo chega a Belo Horizonte: a escolha pela mais nova capital de Minas Gerais

O primeiro contato que o metodismo teve com a cidade de Belo Horizonte foi em maio de 1892, anos antes do estabelecimento da nova capital do Estado. A expedição foi realizada pelos Reverendos J. L. Bruce e Antonio Cardoso da Fonseca, visando visitar Santa Luzia, o Curral Del Rei, Morro Velho, Caeté, São João e Santa Bárbara, municípios vizinhos a Sabará, onde moravam e já estavam ficando as bases para a implantação do metodismo. A expedição consistia em fazer uma Conferência em cada cidade, a fim de falar à população sobre o Evangelho.

No jornal *Expositor Christão*, o Reverendo Bruce relata a experiência, após a primeira noite, com direito a perseguição e pessoas que os expulsaram da cidade:

Levantado-nos achamos o largo com bastante gente armada de paus, etc., para impedir a Conferência. (...) Pretendemos voltar outra vez, e pregar o evangelho, ainda que não haja quem nos dê onde reclinarmos a cabeça. Eu julgo que não devemos sair destas cidades por causa de perseguição. Há homens que querem se salvar.⁵⁶

Como mesmo mostra o relato acima, as investidas dos missionários não cessariam, e muito menos a vontade de conseguir um local para se instalarem na futura capital.

Um fato interessante ocorreu no ano 1897, quando o Reverendo Dickson relata que “um bom amigo da causa” doou um terreno para a Igreja Metodista, terreno que daria para o templo e a casa pastoral, num ponto excelente da cidade⁵⁷. Uma indicação de que o “caminho estava se abrindo”. Contudo, esse não foi o terreno oficial em que foi instalada a Igreja Metodista em Belo Horizonte, já que este terreno somente será doado no ano de 1902.

Conforme o relatório do prefeito Bernardo Pinto Monteiro, o Sr. Evangelista Tavares era o representante da instituição religiosa, que recebeu gratuitamente uma área correspondente a um quarteirão, nº 2 da 1ª seção urbana na condição de ser construída uma paróquia, uma igreja e um colégio dentro de um determinado prazo.⁵⁸ A missionária Martha Watts sintetiza o terreno nas seguintes palavras: “nosso lote é um quarteirão inteiro, em um dos melhores lugares da cidade”⁵⁹. O referido quarteirão é localizado entre a Rua da Bahia, a Rua Espírito Santo, Rua dos Tamoios e Rua dos Tupis.

A missão do Colégio Izabela Hendrix⁶⁰

No dia 01 de outubro de 1904, o jornal *Minas Geares*⁶¹ publicou a seguinte nota: “Este novo estabelecimento de instrução abrirá suas aulas no

⁵³Artigo postado no jornal *Expositor Christão* e traduzido por Miss Howell para o *Advocate*. Belo Horizonte em: *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXV, nº 1, março, 1905, p. 335-336.

⁵⁴ Os dados foram retirados pelo autor citado na obra de SILVEIRA, Vitor. *Minas Gerais em 1925*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Belo Horizonte, 1926.

⁵⁵ Silviano Brandão. APM – *Mensagens dos Presidentes*. 1991, microfilme (rolo 2), p. 18-20.

⁵⁶ *Jornal Expositor Christão*, 25/06/1892, p.2.

⁵⁷ *Jornal Expositor Christão*, 06/03/1987, p.1.

⁵⁸ Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (índice de relatórios ano de 1902, Item 3.12, vol. 1, 1902 – Construção da Igreja Metodista, p. 53). Carta de Miss Blanche Howell. Belo Horizonte, em: *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVIII, nº 3, setembro, 1907, p. 105-106.

⁵⁹ Carta de Martha Watts: Colégio Isabella Hendrix, Belo Horizonte, novembro de 1906, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*: cartas de Martha Watts, 1881-1908. Piracicaba: UNIMEP, 2001, p. 148.

⁶⁰ O nome do colégio é uma homenagem à esposa do Bispo Eugene R. Hendrix.

⁶¹ *Jornal oficial do Estado de Minas Gerais*.

dia 5 de outubro proximo futuro, pedindo se para elle apoio do publico. Terá elle por fim o desenvolvimento moral e intellectual da alumna, sendo a instrucção ministrada segundo os methodos approvados pela pedagogia moderna (...)" 62. Assim, no dia 05 de outubro houve um *lunch* para a inauguração do Colégio, e foi assim tratado pela mídia no dia seguinte, como um grande evento:

Achando-se presentes muitas exmas. familias, lentes do Gymnasio Mineiro, auctoridades escolares da Capital e os representantes da imprensa local, realizou-se hontem, á 1 hora da tarde, no edificio onde funcionou o telegrapho, á rua da Bahia, esquina da avenida do Commercio63, a inauguração deste importante collegio, habil e competente dirigido por Miss H. Watts e Blanche E. Howell. A essa festa compareceram os srs. Edmund Telly, presbitero districtal e lente do Collegio Granbery, de Juiz de Fóra, e James Kennedy, pastor nesta Capital. (...) O ensino theorico e pratico é ministrado com escrupulosa methodização. Fundado como está o novo estabelecimento, é de crer se que dentro em breve se lhe possa comparar aos mais conhecidos e acreditados do Estado.64

E no discurso de abertura a diretora Martha Watts declama: "Então conclamei a escola para fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para fazer de nossos bons cidadãos brasileiros, dizendo que tudo o que fiz quis fazer para a glória de Deus" 65.

Apesar de a recepção ter sido destacada pelas missionárias como cordial e tocante, no dia seguinte foram procurar a escola apenas cinco crianças, o que deixou todos desapontados. Mas um mês depois, já tinham dezoito alunos, o que fez as missionárias pensar que o trabalho iria progredir. Um dado interessante é de que, nesse período, todos os alunos freqüentavam, também, a Igreja, o que não acontecia nas outras escolas. Em março de 1905 havia cinqüenta e um matriculados, sendo quarenta e cinco freqüentes.

As missionárias ressaltam a primeira impressão que tiveram dos alunos: "Achamos que, no geral, as crianças estavam mal preparadas nos fundamentos de sua educação e, conseqüentemente, tivemos muito trabalho para educá-las66". Para as missionárias, os alunos tinham pouca idéia de disciplina e seus estudos prévios eram pobres.

Ao contrário das primeiras escolas metodistas criadas na Inglaterra, que tinham como publico alvo a população pobre, as escolas metodistas oriundas das missões cobravam mensalidade dos estudantes. Podendo ser concedido bolsas ou descontos. De acordo com os relatos dos primeiros anos do Colégio67, a maioria dos alunos pagava o valor68 integral, e os favorecidos – filhos de pastores, por exemplo – pagavam a metade. Em 1906 a

Missionária Martha Watts relata sobre a dificuldade de achar alunos aptos para receberem bolsas: "Temos na casa uma menina a quem talvez vamos dar a bolsa de estudos Irene Lewis, ou talvez não. Não daremos se acharmos alguém mais promissor. A questão do caráter torna a decisão difícil, porque não temos achado caracteres muito nobres" 69.

Em 1905 terminou a construção de uma pequena Igreja com capacidade para 250 pessoas no terreno doado. Para então começar a construção do edifício sede do Colégio, que ficaria pronto em agosto de 1908. Em novembro de 1906 o prédio do colégio não tinha mais capacidade para os dormitórios, devido à quantidade de alunos, havendo necessidade de dois prédios: um para a escola e o outro para residência. E foi somente nesse período que a planta para o prédio do colégio sede foi aceita pelo governo. Já que dependia da aprovação deste para a construção de qualquer prédio na região do centro da cidade.

Como é sabido, o Estado, oficialmente, tentou não se envolver diretamente com a causa metodista, mantendo assim, o princípio do Estado laico. Contudo, isso não impediu que houvesse simpatizantes aos ideais norte-americanos, principalmente ligados à educação. No final do ano de 1906, no encerramento do semestre, o Dr. Manoel Tomás Carvalho de Britto, Secretário do Estado (Secretário do Interior), foi convidado para participar da festividade. Na ocasião, o jornal Minas Geraes publicou uma grande nota sobre o evento, uma:

(...) esplendida festa offerecida a uma grande parte da selecta sociedade horizontina. O vasto salão do palacete (...) estava repleto de convidados, entre os quaes notámos representantes do governo, altos funcionarios, muitos professores, grande numero de senhoras e familias de alumnos. (...) Agradecemos á digna directoria do collegio o prazer que nos proporcionou com a sua festa, felicitamos aos nossos patricios por contarem hoje um estabelecimento de instrucção que muito honra a capital mineira.70

Na ocasião da visita do Secretário do Estado, um marco no início da trajetória do Colégio Izabela Hendrix, o Dr. Carvalho de Britto convidou a Missionária Blanche Howell para assisti-lo na reorganização da educação pública no Brasil, convite que foi recusado pela missionária por falta de tempo e excesso de atividade, já que tinha apenas ela e Miss Watts no Izabela. Em carta ao *Advocate*, Miss Howell explica a justificativa do Secretário para persuadi-la: "(...) ele disse que isso vai ajudar nosso colégio, pelo fato de o Estado ter pedido uma professora de escola particular, estrangeira e protestante para ajudar" 71.

Miss Howell acrescenta que a posse do novo

62 Escrito pela diretora Miss Martha Watts. *Jornal Minas Geraes*, anno XIII, nº 233, 01/10/1904, p. 8.

63 O Colégio foi instalado inicialmente na Avenida do Commercio, atual Avenida Santos Dumont, já que a obra para a construção da sede do colégio demoraria mais algum tempo, e ainda faltavam recursos necessários.

64 *Jornal Minas Geraes*, anno XIII, nº 237, 06/10/1904, p. 2.

65 Carta de Martha Watts: Belo Horizonte, Minas Gerais Brasil, março de 1905, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 143-145.

66 Carta de Martha Watts: Colégio Isabella Hendrix, Belo Horizonte, agosto de 1905, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 145-146.

67 Carta de Martha Watts: Colégio Isabella Hendrix, Belo Horizonte, agosto de 1905, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 146.

68 O valor da pensão das internas era de 65\$000 por mês e dos alunos externos poderia chegar 20\$000, fora alguns custos adicionais. Ver: *Jornal Minas Geraes*, anno XIII, nº 233, 01/10/1904, p. 8.

69 Carta de Martha Watts: Colégio Isabella Hendrix, Belo Horizonte, novembro de 1906, em MESQUITA, Zuleica (org). *Evangelizar e Civilizar*, p. 149.

70 *Jornal Minas Geraes*, anno XV, nº 144, 23/06/1906, p. 9. A constante divulgação do colégio pela imprensa local, muito contribuiu para o aumento de número de alunos matriculados.

71 Collegio Isabela Hendrix por Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVII, nº 2, janeiro, 1907, p. 304.

Presidente do Estado, Dr. João Pinheiro da Silva é uma favorável oportunidade para a causa metodista, devido a seus ideais republicanos.

A missionária acrescenta, ainda, que todo esse acontecimento deixou os padres furiosos, pelo o que ela ficou sabendo através do secretário da instrução pública.⁷² Para ela: “(...) isso foi provocado pelo fato de o Secretário de Estado, bem como os investigadores deste novo sistema terem se mostrado favoráveis a nós (...). E, também, ao sistema por ser norte-americano”⁷³ (tradução nossa) (grifo nosso).

Assim, o metodismo foi criando raízes, aos poucos se inserindo e ocupando seu lugar na sociedade belorizontina. Até setembro de 1907, os metodistas já tinham organizado, além do colégio e da Igreja, a escola dominical, (que também ensinavam o inglês aos interessados) as Ligas de Jovens e Idosos (os encontros eram realizados todas as quintas em algum lar disponível) e a Sociedade de Ajuda às Mulheres. De acordo com os relatos das missionárias, boa parte dos frequentadores dessas organizações era pobre⁷⁴, já que não tinham condição de frequentar ou colocar seus filhos no colégio. No mesmo ano, o Colégio Izabela Hendrix tinha alcançado a marca de 139 alunos matriculados, sendo 70 frequentes.

Dentro do processo de inserção metodista na cidade de Belo Horizonte, o Colégio Izabela Hendrix alcançou o seu auge em número de alunos em janeiro de 1910, em que no novo prédio já não podia mais matricular ninguém – havendo inclusive o pedido de um novo prédio –, pois a escola encontrava-se cheia⁷⁵. E auge em questão de reconhecimento quando das visitas às escolas da capital para o II Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, o Colégio Izabela Hendrix foi tido como o melhor colégio para meninas da cidade⁷⁶.

As dificuldades da inserção metodista

A inserção metodista e sua permanência no Brasil foi marcada por muitas dificuldades, seja por questões de doenças⁷⁷, financeiras, falta de missionários ou mesmo por falta de simpatia e oposição de setores mais conservadores da sociedade belorizontina e brasileira. Setores da Igreja Católica reagiram, com maior ou menor intensidade, diante da presença metodista na capital de Minas Gerais e no Brasil.

Desde a chegada dos primeiros missionários, em 1881, a oposição católica ao metodismo partia de membros do clérigo e de fiéis mais conservadores. Contudo, a hostilidade é perceptível por ambas as confissões religiosas, que giravam em torno desde temas relacionado à educação, quanto a práticas religiosas.

Com a instalação do Colégio Izabela Hendrix em 1904 a oposição católica não foi diferente: “Em toda parte nos dizem que nossa escola é admirada e que se fala muito dela, mas muitos estão com medo da influência religiosa. Os padres estão pregando e trabalhando contra nós constantemente”⁷⁸. A missionária Miss Blanche Howell também relata sobre o assunto:

Quando nós abrimos nossa escola três anos atrás, os padres fizeram tudo que era possível para se oporem a nós, não apenas avisando a população para não enviarem suas crianças para nós, mas também fazendo visitas de casa em casa. Mas aos poucos nos fizemos amigos, apesar da grande dificuldade e alguns deles sofreram perseguição para atingir-nos.⁷⁹

Contudo os missionários também tiveram suas defesas, e a principal dela foi o ataque em prol da “melhor” educação, a educação para a modernidade. Na mesma carta, Miss Howell condena a Igreja Católica por ser “inimiga da educação”, já que os padres fizeram oposição, também, as escolas públicas que foram surgindo na capital:

(...) os padres estão fazendo a mesma oposição a mais nova escola pública [se referindo à Escola Normal] chamando-os de protestantes. (...) Essa é uma prova convincente de que esses representantes da Igreja Católica são inimigos da educação e têm livre pensamento em seu desejo de manter as pessoas em estado de ignorância. Eles também desejam ser a principal autoridade para a opinião pública.⁸⁰

Sobre a atuação de padres católicos, Miss Howell acrescenta: “É triste ver como os padres ordenam e as pessoas obedecem. Eles não deixam passar uma única oportunidade para falarem contra nós e fazer medo nas pessoas; mas graças a Deus! o povo está começando a ver como os padres lhes tiram suas próprias liberdade”⁸¹.

Houve, também, uma rejeição por parte da sociedade ao ensino religioso, e foi também percebido nos primórdios do Colégio Izabela Hendrix, mas sem a retirada de alunos: “Nós temos estudado a vida de Cristo como é encontrado nos quatro livros do Novo Testamento. (...) Poucas famílias fizeram objeções, mas consentiram quando eles souberam que era obrigatório, e nenhum aluno foi tirado da escola”⁸².

Mas toda essa divergência não impediu que houvesse também suas exceções. Miss Howell relata, em poucos anos após a instalação do Colégio Izabela Hendrix, sobre uma conversa que teve com um “amigo católico” sobre essas divergências com a Igreja Católica: “Um amigo Católico disse para mim há pouco tempo: ‘Bem, seu colégio parece crescer apesar do que todos os padres disseram’”⁸³.

⁷² Apesar de não citar o nome, Miss Howell mostra como ela teve uma relação bem próxima a pessoas ligadas ao governo do Estado.

⁷³ Belo Horizonte por Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVIII, nº 3, setembro, 1907, p. 105-106.

⁷⁴ Ver: Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*, p. 105-106.

⁷⁵ Havia 119 alunos frequentes mais 15 internas e o ano fechou sem dívidas. Ver: Carta de Miss Blanche E. Howell. *Collegio Isabella Hendrix, Bello Horizonte. Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXX, nº 6, janeiro, 1910, p. 342-343.

⁷⁶ Ver: *Collegio Isabella Hendrix, Bello Horizonte. Woman's Missionary Council*. 1912, p. 123-124.

⁷⁷ A febre amarela foi uma constante “assombração” durante o período de expansão missionário metodista no Brasil. Seja por atingir os alunos, que acabavam deixando a escola para se curarem, seja por atingir os professores e as missionárias.

⁷⁸ Carta de Miss Martha Watts, *Collegio Isabella Hendrix, Bello Horizonte. Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVII, nº 2, novembro, 1906, p. 207.

⁷⁹ Belo Horizonte por Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVIII, nº 3, setembro, 1907, p. 105-106.

⁸⁰ Belo Horizonte por Miss Blanche Howell. *Woman's Missionary Advocate*, p. 105-106.

⁸¹ Carta de Miss Blanche E. Howell. *Collegio Isabella Hendrix. Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVII, nº 2, janeiro, 1907, p. 304-305.

⁸² Carta de Miss Blanche E. Howell. *Collegio Isabella Hendrix, Bello Horizonte, Brazil. Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXIX, nº 8, julho, 1909, p. 36-37.

⁸³ Carta de Miss Blanche E. Howell. *Collegio Isabella Hendrix, Bello Horizonte. Woman's Missionary Advocate*. Vol. XXVII, nº 2, novembro, 1906, p. 203-204.

Considerações finais

A inserção e desenvolvimento do movimento metodista em Belo Horizonte foram estrategicamente concebidos e estruturalmente desenhados por meio de um projeto arrojado de expansão. A visão de afirmação e crescimento na nova capital era algo que estava presente no ideal da liderança do movimento.

Como aconteceu em outros lugares onde o metodismo se instalou, percebe-se que, também em Belo Horizonte, a perspectiva educacional acompanhou a dimensão religiosa: ao mesmo tempo em que chega a Igreja, cria-se também a escola.

O envio de Martha Watts e James L. Kennedy, dois dos mais influentes obreiros da Igreja Metodista, para Belo Horizonte significou a afirmação definitiva da identidade metodista que reconhece na educação a grande parceira no trabalho de evangelização, além de evidenciar a importância da mais nova capital de Minas, como campo de atuação. Hippolyto de Campos ressalta que o estabelecimento do Colégio Izabela Hendrix por Martha Watts, a “honrada fundadora de outros colégios modelos que perpetuam seu nome entre os brasileiros”, e a nomeação do “venerável missionário”, reverendo James L. Kennedy, são “dois fatos de grande significado para a Igreja Methodista brasileira, e motivo de alegria também para todos os amigos da propaganda evangélica neste país”⁸⁴.

Não obstante a presença protestante em Belo Horizonte, o catolicismo ainda era a religião majoritária. A missão metodista ingressou na cidade, mesmo antes de sua inauguração, desenvolvendo um diálogo com a sociedade que a recebia. A ação missionária na sociedade belorizontina envolveu uma série de instrumentos complementares ligados à evangelização direta e à educação, como a difusão do Evangelho, a pregação, a divulgação dos periódicos da Igreja, a escola dominical e a implementação de uma instituição de ensino regular, o Colégio Izabela Hendrix.

Ainda que o objetivo último da missão fosse atingir a sociedade belorizontina como um todo, com vistas à instauração da “civilização cristã” no mundo inteiro (ideologia do Destino Manifesto), a exemplo do que ocorreu em outros locais, os missionários privilegiaram, como estratégia de estabelecimento na cidade, a conquista da elite liberal, republicana, sensível aos valores norte-americanos de liberdade, democracia, civilização e progresso, via educação. Interessada na formação de novas lideranças políticas e intelectuais, parte dessa elite apoiou o moderno sistema educacional metodista, deixando a educação dos seus filhos e

demais parentes a cargo do Colégio Izabela Hendrix. Portanto, o movimento educacional metodista foi um movimento elitista, contrariando um dos princípios fundamentais do metodismo wesleyano.

Mesmo que a elite liberal e progressista de Minas Gerais tenha se mostrado, em alguma medida, receptiva à presença do metodismo, o mesmo não ocorreu com os grupos católicos mais conservadores que também compunham a sociedade belorizontina. Ao longo dos anos estudados o relacionamento entre uma parcela de fiéis e clérigos católicos e os metodistas foi marcado pela oposição.

Embora Belo Horizonte tenha sido considerado pelos metodistas um “campo propício” à propagação da sua missão, evidentemente o número de adesões ao metodismo não correspondeu às expectativas iniciais da missão brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul, até porque o que os missionários privilegiaram a educação, ao invés da evangelização direta, como estratégia de estabelecimento na cidade. O catolicismo continuou sendo a religião majoritária da sociedade. Porém, mesmo não logrando uma conversão em massa ao protestantismo, a missão metodista encontrou espaços privilegiados de atuação, políticas favoráveis e apoio de membros do governo de Minas em Belo Horizonte, sobretudo no campo educacional, como o Izabela Hendrix, presente até os dias de hoje.

Evidentemente o presente estudo não esgota a análise da inserção metodista na sociedade belorizontina. Ainda assim, considerando-se a carência de trabalhos relativos ao tema aqui desenvolvido, esperamos que esse estudo forneça elementos que permitam compreender um pouco da presença histórica de metodistas norte-americanos em Belo Horizonte e suas relações com a sociedade.

⁸⁴ Carta de Hippolyto de Campos, publicada no Expositor Christão de 17 de outubro de 1904, traduzida por Blanche E. Howell e publicada na *Woman's Missionary Advocate*, março de 1905, p. 335-337.